

Anna Ratto amplia projeto de gravar Arnaldo Antunes

PÁGINA 3



Denise Weinberg está empolgada com o cinema

PÁGINA 5



Texto de 'Não Me Entrego, Não' agora em livro

PÁGINA 6



2º CADERNO

Cantor e compositor revisita seu transgressor álbum de estreia, lançado em 1972, em show gratuito no Parque de Ideias

Por Affonso Nunes

Jards Macalé, um dos nomes mais influentes da música brasileira, apresenta um show gratuito na cidade. Nesta quarta-feira (19), às 18h, o cantor e compositor sobe ao palco do Parque de Ideias, na Biblioteca Parque Estadual, no Centro, para revisar seu álbum de estreia, lançado em 1972. O projeto, idealizado pelo documentarista Marcio Debellian, celebra esse clássico do pós-tropicalismo, marcado por uma sonoridade experimental e um repertório de forte carga política e poética.

Figura central de nossa vanguarda musical, Jards construiu uma obra marcada pela ousadia estética e pelo espírito libertário. Ao longo de sua carreira singular, transitou por diferentes universos musicais, do samba ao rock, passando pela música erudita e pelo jazz. Parceiro de nomes como Torquato Neto, Capinam e Waly Salomão, desafiou padrões e enfrentou censuras durante a ditadura militar, consolidando-se como um artista indomável e de aqlma essencialmente inovadora.

Gravado nos anos mais duros do regime militar, o álbum "Jards Macalé" reflete essa inquietação do artista. A obra transita entre o lirismo e o caos, misturando influências diversas, sempre com uma abordagem vanguardista. A sonoridade crua e intensa é reforçada pelos arranjos de Lanny Gordin e pelo violoncelo de Jaques Morelenbaum, criando



José de Holanda/Divulgação

Jards Macalé revê canções de seu álbum de estreia como 'Mal Secreto', 'Vapor Barato' e 'Farinha do Desprezo'

JARDS MACALÉ olha o passado para nos mostrar o futuro

uma atmosfera densa e subversiva.

As letras das canções deste trabalho tocam fundo na opressão, desejo e resistência, como em "Mal Secreto", parceria com Waly Salomão, e "Revendendo Amigos", que ressoa melancolia e distanciamento em tempos difíceis. Outros destaques do disco são "Vapor Barato", eternizada como um hino contracultural em posterior gravação de Gal Costa; "Let's Play That", uma fusão

instintiva de blues e improviso; e "Farinha do Desprezo", que evidencia sua poética transgressora.

Antes do show, das 14h30 às 17h, o jornalista musical Leonardo Lichote conduz uma conversa sobre o disco. O bate-papo mergulha no contexto político e cultural da época, detalhando o processo de gravação e as histórias por trás das faixas.

No palco, Macalé revisita esse repertório

emblemático ao lado do guitarrista Gui Held, do baixista Pedro Dantas e do baterista Thomas Harres, mantendo viva a chama transgressora de um dos álbuns mais importantes da música brasileira.

SERVIÇO

JARDS MACALÉ

Biblioteca Parque Estadual (Av. Pres. Vargas, 1261, Centro - Entrada pela rua da Alfândega | 19/2, às 18h
Entrada franca (retirada de bilhetes no site <https://acesse.one/J2Ad6> ou na bilheteria, conforme disponibilidade)

CORREIO CULTURAL

Instagram @setonmello



Selton abraçando Fernanda Torres no Globo de Ouro

Atores de 'Ainda Estou Aqui' viram fenômeno no TikTok

O filme "Ainda Estou Aqui" se tornou um fenômeno internacional, acumulando indicações e prêmios em festivais de prestígio, como o Globo de Ouro. O sucesso não ficou restrito às telonas: no TikTok, o filme de Walter Salles gerou um grande engajamento, aumentando ainda mais a popularidade dos atores.

Popularidade

Além disso, as buscas pelo nome da atriz que deu vida à ativista e advogada Eunice Paiva aumentaram 118 vezes entre os dias 5 e 7 de janeiro. No período do anúncio dos indicados ao Oscar, ela ainda conquistou mais 47.622 seguidores.

Popularidade III

A interação do público com o conteúdos dos dois artistas também aumentou expressivamente. Fernanda registrou um crescimento de 44,38% no volume de comentários entre novembro e janeiro. Selton teve um salto de 449% no mesmo período.

Protagonista do filme, Fernanda Torres ganhou, entre 6 de novembro e 6 de dezembro de 2024, 71.298 novos seguidores.

No mês seguinte, com sua vitória na categoria melhor atriz em filme de drama na premiação do Globo de Ouro, o número saltou para 94.466 seguidores, um crescimento de 32%.

Popularidade II

Selton Mello também viu seu público crescer de forma impressionante. De novembro a dezembro de 2024, o ator ganhou 16.951 novos seguidores, mas após a vitória de Fernanda, o crescimento explodiu, saltou 1.310%, atingindo 239.048 seguidores.

Popularidade IV

O impacto do filme de Walter Salles se refletiu também nas hashtags relacionadas, que cresceram nas buscas do TikTok. Na semana do anúncio dos indicados ao Oscar, a hashtag #AindaEstouAqui teve um aumento de 793% em publicações.

Reprodução Facebook



Mauro Santa Cecília, além de letrista gravado por grandes nomes da MPB, era poeta e romancista

Um poeta abençoado

Mauro Santa Cecília deixa uma respeitada obra musical e literária

Por Paulo Roberto Andel
Especial para o Correio da Manhã

Santa Cecília é a padroeira da música e dos músicos. É também um sobrenome bellissimo. A ligação direta faz todo sentido: Mauro Santa Cecília já estava destinado desde o começo a se encontrar com a música, e quando isso aconteceu ela se tornou popular a milhões de brasileiros. Todo mundo já ouviu um grande sucesso da música brasileira que nasceu de um poema de Mauro: "Por Você" com seus versos "eu dançaria tango no teto/ Eu limparia os trilhos do metrô/ Eu iria a pé do

Rio a Salvador/ Eu aceitaria/ A vida como ela é/ Viajaria a prazo pro inferno/ Eu tomaria banho gelado no inverno" - um clássico gravado pelo Barão Vermelho.

E outros grandes artistas brasileiros gravaram o poeta, morto no último fim de semana, após lutar por incessantes sete anos contra dois cânceres, numa lista plural que vai de Ney Matogrosso a Humberto Effê, passando por Sandy & Junior, Biquíni Cavadao, Rodrigo Santos, Hyldon, Wilson Sideral e outros peso-pesados do pop rock nacional. E, claro, emplacou "Amor pra Recomeçar" com Roberto Frejat, seu colega de escola, numa canção que fez tanto sucesso e é tão cantada nos shows quanto outras que Frejat dividiu com outro mestre da poesia: Cazuza.

Agregador, Mauro sempre foi homem de parcerias, inclusive em

livros. "Baião de 2" ele escreveu a quatro mãos com Leoni, outra fera do pop rock brasileiro. Fez um sem-número de colaborações tanto na vertente poética quanto na letra de música, que ele fazia questão de valorizar as importâncias mas delineando as diferenças: nem todo poema dá uma excelente letra e vice-verso.

Pluralidade na vida: advogado que ignorou a profissão, mestre em Letras que foi reprovado em Português num concurso (para todos pensarmos...), Mauro já era um poeta brilhante mas sua vida artística demorou a emplacar, mesmo já sendo publicado e vencido o Prêmio Literário Stanislaw Ponte Preta, da Secretaria Municipal de Cultura do Rio de Janeiro.

Entre 1994 e 1997 foi redator e analista político do Consulado do Japão, submetido ao horário rígido típico dos costumes nipônicos. No primeiro dia útil de 1998, tomou coragem e fez o que pouquíssimos fazem: pediu demissão para viver de escrever. Meses depois, o Brasil inteiro cantava "Por Você" e Mauro acertou em cheio.

Além das canções inesquecíveis, múltiplas parcerias e inúmeras regravações, Mauro deixou seu talento em vários livros além do já citado "Baião de 2" com Leoni, entre romances e poesia: "Errância", "A Sombra do Faquir", "Decolagem", "A Todo o Transe" e o último, o elogiado "Bofete", lançado em 2024. Neste mesmo ano, participou como coautor da coletânea "Minha Copa Para Sempre" ao lado de Silvio Lancelotti, Kleber Machado, Milton Leite, Milton Neves e outros, sobre as histórias pessoais de cada um sobre a Copa do Mundo.

Botafoguense apaixonado, assim escreveu em seu perfil quando o Alvinegro conquistou a Libertadores no fim do ano passado: "Um dia histórico, um jogo épico. Depois do início inacreditável (...) Rolaram lágrimas de felicidade. Ontem foi escrita a página mais apoteótica do glorioso clube da estrela solitária. Que venham outras de tamanha importância. Fogão, eu te amo! Saudações alvinegras."

O mergulho no universo de Arnaldo Antunes continua

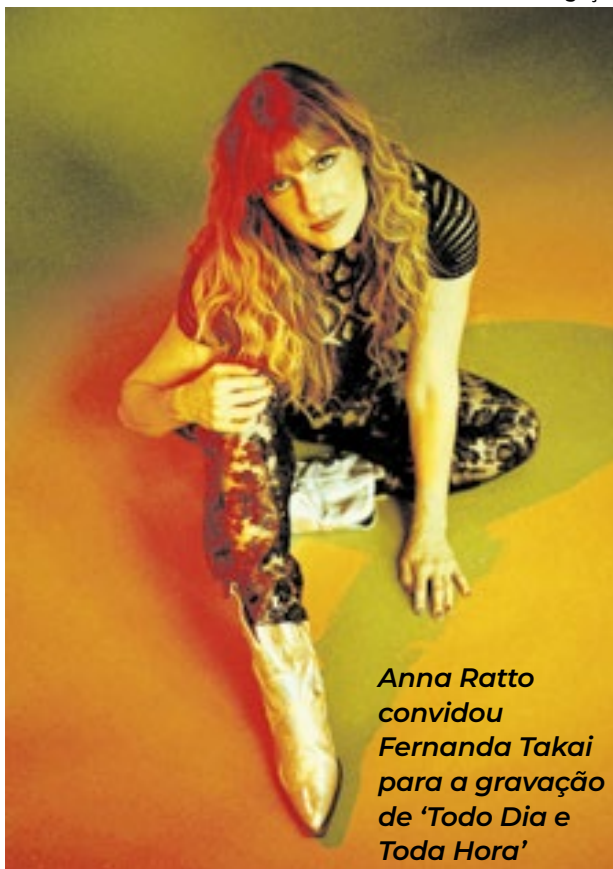
Novo single de Anna Ratto dá largada para lançamento de mais um álbum com canções do compositor paulistano

Por **Affonso Nunes**

Chega às plataformas digitais “Todo Dia e Toda Hora Com Você”, primeiro single do novo álbum de Anna Ratto. Produzida por Liminha e Kassin, que também assinam a produção do álbum, a faixa tem a participação especial de Fernanda Takai. O convite surgiu após um encontro das duas artistas durante um show coletivo em São Paulo.

“Sempre tive grande admiração por Fernanda Takai, pela sua voz única e por todos os seus projetos, desde o Pato Fu.

Eliza Bezerra/Divulgação



Anna Ratto convidou Fernanda Takai para a gravação de ‘Todo Dia e Toda Hora’

Nos falamos naquele caos de camarim, mas fiquei com a presença dela marcada. Quando ouvi essa música, lembrei dela imediatamente e quis convidá-la”, recorda Anna.

“Todo Dia e Toda Hora Com Você” é uma das cinco faixas inéditas enviadas por Arnaldo Antunes para Anna gravar, como parte do presente que o compositor paulista ofereceu à cantora carioca, que já havia se imerso no repertório do compositor no álbum anterior, “Contato Imediato” (2021).

Sobre a canção, Anna compartilha: “Quando o Arnaldo me enviou a gravação, ainda de voz e violão, fiquei profundamente tocada. Percebi de imediato que era uma verdadeira ‘canção-ouro’, com tudo muito harmônico. E que poesia maravilhosa na letra: ‘Tira o verde claro da Bahia, o azul da ilha, o bordado da linha, o sol do dia... e mistura tudo em ti para se alegrar’. Uma música potente, recém-nascida, que Arnaldo generosamente me deu. Não tive dúvidas de que esta faixa seria a introdução perfeita para o que está por vir!”

E o que está por vir é um álbum que reunirá cinco faixas inéditas de Arnaldo Antunes, compostas com diferentes parceiros, além de novas versões para canções que Anna Ratto já vinha apresentando em seus shows, todas da expressiva produção de Arnaldo. Previsto para abril, o álbum se chamará “Vison Negro” e, segundo Anna, trará baladas intercaladas com toques de rock, pop dançante e letras que exploram principalmente o amor.

“Meu último álbum foi gravado naquele período pós-pandêmico, com menos pessoas no estúdio. ‘Vison Negro’ é um disco de banda, com uma sonoridade mais encorpada. Além das bases de bateria, baixo e guitarra, temos guitarras, violão, piano, teclados, piano elétrico, sitar e outros experimentos. É um trabalho rico, solar e enérgico!”, compara a cantora.

UNIVERSO SINGLE

POR AFFONSO NUNES

Olhar para o novo

Nesta sexta-feira (21) chega às plataformas de áudio mais um single do cantor, compositor e instrumentista Leoni: “Nuvem Vermelha”, parceria entre Ana Frango Elétrico, Mariane Nemésio e Bruno Berle. Gravada inicialmente por Ana, a canção não precisou de grandes modulações para adequar-se ao estilo de Leoni que, aliás, sempre está atento ao surgimento de novos talentos. “Conhecia, por causa dos meus filhos, os trabalhos da Sofia Chablau e da Ana e tirava, no violão, canções dessas artistas, duas estrelas dessa nova geração”.

Divulgação



Divulgação

Nova leva de canções

Um dos expoentes do rock alternativo brasileiro das últimas décadas, a banda Selvagens à Procura de Lei retorna às raízes com foco no futuro. Na catártica “Pra Recomeçar”, primeiro single do novo álbum. “Y”, a banda apresenta um rock alternativo pesado e feito para marcar um ponto de virada na discografia da banda. “Foi a primeira da nova leva de canções que escrevi. É uma música crua e direto ao ponto, mas não no sentido de ter sido criada para apelar à nostalgia dos fãs, simplesmente aconteceu”, conta o membro-fundador, guitarrista e vocalista Gabriel Aragão.

Divulgação



Medleys de forró

O cantor, compositor e sanfoneiro cearense Guilherme Dantas lança o EP “Como Seria”, projeto que reforça sua missão de valorizar o forró e conectar as novas gerações ao gênero. Composto por dois medleys que passeiam por sucessos do axé e o forró, ritmos emblemáticos do Nordeste. No primeiro medley, Dantas mergulha no axé trazendo versões de clássicos do Olodum, Claudia Leitte, Timbalada e Jammil e Uma Noites. Já o segundo medley apresenta o toque pessoal do artista na reinterpretação de sucessos do Calcinha Preta e de Joanna.



‘Um Segundo’ para o esquecimento

Vendendo milhões de ingressos com a animação ‘Ne Zha 2’ e disputando o Urso de Ouro com dois filmes, a China tirou longa de Zhang Yimou do festival alemão sem dar justificativas

Por **Rodrigo Fonseca**
Especial para o Correio da Manhã

Duplamente indicada ao Urso de Ouro, com “Girls on Wire”, de Vivian Qu, e “Living the Land”, de Huo Meng, a China ainda não arrebatou a Berlinale como fez em anos anteriores, quando encontrou na maratona cinéfila germânica o primeiro veio de consagração para as estéticas em voga em seu audiovisual desde o fim da década de 1980. Seus dois concorrentes ao prêmio de maior relevo do evento tiveram recepção morna.

Paralelamente ao festival, uma animação de CEP e DNA chineses lota salas de projeção, alcançando uma bilheteria que já ultrapassa US\$ 1 bilhão: “Ne Zha 2”. A resposta que a curadoria berlinense não sabe dar acerca da pátria que já consagrou gigantes da direção como Jia Zhangke (“Plataforma”) é: por que razão o drama “Um Segundo” (“One Second”), escalado para concorrer em sua edição de nº 69, apoiado na fama do realizador



‘Um Segundo’, do realizador Zhang Yimou, abriu o Festival de San Sebastián de 2021, mas sumiu, arrastando consigo o escândalo de ter sido tirado da programação do Festival de Berlim por censura das autoridades chinesas

Zhang Yimou, foi arrancado da seleção às vésperas de ser exibido, sem qualquer explicação? Onde essa joia foi parar?

Pilar histórico da cinematografia asiática, Yimou tem hoje 74 anos e ficou conhecido por cults como “A História de Qiu Ju” (Leão de Ouro de 1992). Lançou “Article 20” no ano passado e, vez por outra, emplaca um blockbuster em sua pátria. É difícil entender os motivos que levaram a exclusão de seu “Um Segundo” (“Yi Miao Zhong” no original) da Berlinale de 2019. Hoje incluído na grade alemã da plataforma Amazon Prime, a produção ficou engavetada por dois anos, até estreiar na abertura do Festival de San Sebastián de 2021, na Espanha. Sua carreira limitou-se a uma sessão de gala em telas espanholas, sem chance de outras vitrines, e nunca estreou comercialmente no Brasil.

Na ocasião de sua entrada na disputa do Urso dourado, “Um Segundo” foi extirpado da grade

da Berlinale sem aviso prévio. Saiu sem justificativa coerente. A desculpa dada – não pelo cineasta, mas pelo governo da China, famoso por sua natureza castradora em relação a obras de arte – foi: a produção ainda não estava 100% finalizada. O rumor generalizado: agentes governamentais teriam reprovado a dimensão política da narrativa de Yimou, censurando-a para cortes.

No fim de 2021, o Ocidente soube que, em meio à pandemia, o filme, baseado em um romance de Yan Geling, foi lançado em terras asiáticas, sem alarde algum. Não havia sinal de ela ter espaço na Europa ou nas Américas até que Jose Luis Rebordinos, diretor artístico de San Sebastián, resolveu convidar o longa para abrir sua maratona, concorrendo à Concha de Ouro. Foi uma decisão feliz, uma vez que se trata de um espetáculo visual comovente.

No enredo de “Um Segundo”, um prisioneiro é enviado a um campo de trabalho no noroeste desola-

do da China durante a Revolução Cultural do país. Usando sua inteligência, com o único propósito de encontrar um rolo de película contendo um noticiário (o chamado “cinejornal”), ele escapa e se dirige para o cinema em uma cidade local. Nesse documentário, existem imagens de sua filha, há muito sumida.

Ao chegar natal sala de projeção, ele espera encontrar o tal rolo de filme e conseguir um contato com a menina. No caminho, encontra uma jovem que se apodera do carretel com a película e foge com o material. Curiosamente, este objeto enigmático, que ambos cobijam por razões muito diferentes, vai se tornar a semente de uma amizade inesperada. Fala-se, na China, que “Um Segundo” é o melhor trabalho do cineasta dos anos 2000 pra cá.

Recentemente, ele lançou na China um frenético thriller de espionagem chamado “Luta Pela Liberdade” (“Cliff Walkers”), cuja bilheteria beira US\$ 181 milhões.

Huanxi Media Group

Zhang Yi (de “Flores do Oriente”) lidera o elenco de uma trama sobre espões comunistas treinados pela URSS. Seu lançamento de maior visibilidade em anos recentes foi a superprodução “A Grande Muralha” (2017), com Matt Damon, Pedro Pascal e Willem Dafoe.

É difícil aceitar o fato de o cinema valorizar tão pouco a obra de Yimou mesmo sabendo de toda a sua contribuição seja em termos de cifras altas, seja em termos estéticos, afinal foi ele, lá atrás, em 1987, quem apresentou a realidade chinesa moderna ao mundo, quando seu “Sorgo Vermelho” ganhou o Urso de Ouro no Festival de Berlim. Foi a partir dele – e de Chen Kaige, com “Adeus, Minha Concubina”, de 1993 – que uma China de implosões e de geopolíticas outras que não a da Revolução Cultural de Mao Tse-Tung ganhou as telas do planeta. Ali, abriu-se um terreno que para uma esquadra asiática de diferentes latitudes daquele continente pudesse ganhar circuito global. Se não bastassem filmes de tessitura dramática sofisticada como “Tempo de Viver” (Grande Prêmio do Júri em Cannes, em 1994) e o belo “Nenhum a Menos” (Leão de Ouro em Veneza, em 1999), ele ainda surpreendeu exibidores com as bilheterias milionárias de “Herói” (2002) e da obra-prima “O Clã das Adagas Voadoras” (2004). Porém, a fama de pelego – por ele já ter sido simpatizante do lado mais reacionário do Estado – prejudicou qualquer boca a boca fervoroso em prol de sua arte. O desejo de filmar com astros de Hollywood, como o galês Christian Bale, em “Flores do Oriente” (2011), tornou o diretor mais polêmico na visão dos puristas.

A Berlinale de 2024 segue até o dia 23. No sábado, o júri presidido pelo cineasta americano Todd Haynes anuncia os vencedores.

ENTREVISTA / DENISE WEINBERG, ATRIZ

'O cinema tá me chamando'

Rodrigo Fonseca

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

A pesar do apelo de rivais de café hollywoodiano como Jessica Chastain e Rose Byrne, a atriz carioca Denise Weinberg mantém de domingo até hoje um favoritismo pleno na briga pelo prêmio de Melhor Interpretação na 75ª edição da Berlinale pelo colossal desempenho em "O Último Azul", de Gabriel Mascaro. Ela já havia alcançado os aplausos do evento antes, em seu trabalho no drama "Greta" (2019), de Armando Praça, ao lado de Marco Nanini.

Teve holofotes em Cannes também, quando trabalhou em "Linha de Passe" (2008), de Daniela Thomas e Walter Salles. Só que a consagração atual, cercada de um clima de "já ganhou" é maior... põe maior nisso. Críticos das mais variadas pátrias se renderam à sua forma de celebrar a vontade de viver na trama dirigida pelo realizador de "Boi Neon" e "Divino Amor". Mascaro é o nome mais cotado para o troféu principal desta maratona germânica, da mesma forma como sua estrela é a mais elogiada de todo o certame.

No enredo de "O Último Azul", o governo brasileiro passa a transferir idosos para uma colônia habitacional com a desculpa de oferecer a eles a chance de "desfrutarem" seus últimos anos de vida em isolamento. Antes de seu exílio compulsório, Tereza, uma mulher de 77 anos (vivida por Denise com esplendor), embarca em uma jornada para realizar seu último desejo: ter dignidade... e com ela ser livre. Para isso, vai se enfiar numa jornada fluvial com direito a um barqueiro de coração partido (Rodrigo Santoro) e uma vendedora de Bíblias digitais (Miriam Socorrás).

Aclamada pelo teatro, com uma longa história no Grupo Tapa, Denise papeou com o Correio da Manhã na Berlinale, mapeando



Denise Weinberg: 'O teatro sempre foi a minha casa, mas o cinema me abriu outra possibilidade de fazer o que mais gosto, que é o artesanato da criação, o ensaio, a pesquisa'

o estado de coisas na cena artística nacional.

A Berlinale te consagra hoje por "O Último Azul", por todos os seus méritos, e sem saber que você foi aos palcos encenar um dos textos mais poderosos da dramaturgia alemã moderna: "As Lágrimas Amargas de Petra von Kant". O que aquele texto de Rainer Werner Fassbinder, que também foi pilar para o Novo Cinema da Alemanha,

trouxe de mais precioso para você?

Denise Weinberg: Sou alucinada por Fassbinder. Eu tinha visto aquele texto ser encenado antes com a Fernanda Montenegro, em uma montagem marcante. Aí, eu fui convidada para fazê-lo. Na minha carreira, as coisas vêm na minha mão. Eu vou fazendo o que gosto e aprendo ao longo dos processos. No caso de "O Último Azul" também foi assim: o Gabriel me catou. Eu

tinha feito "Greta" no Ceará e ele viu. Por vários caminhos, chegou a mim.

O cinema tem sido cada vez mais presente nas suas escolhas. Como vem sendo esse processo?

O teatro sempre foi a minha casa, mas o cinema me abriu outra possibilidade de fazer o que mais gosto, que é o artesanato da criação, o ensaio, a pesquisa. Quando um diretor vira pra mim e diz "Faz aí", eu fico louca. Não é "Faz aí", é busca. O Gabriel, por exemplo, é o contrário do "faz aí". Ele gosta do trabalho do ator. Acabou que eu fiquei um ano fazendo cinema, com quatro filmes pela frente. O cinema tá me chamando, já o teatro anda numa fase difícil. Você ensaia uma peça por três meses para fazer 14 apresentações e parar. Isso não dá tempo de se aprofundar as coisas. Teatro não é fugaz.

A que Amazônia o filme do Gabriel Mascaro levou você?

A Amazônia é forte. Eu já havia filmado lá. Fiz um longa com Charlton Heston sobre (o nazista) Mengele ("Meu Pai", do diretor Egidio Eronico, lançado em 2003), mas eu fiquei em hotel. Em "O Último Azul", eu fui andar pelos rios. É muito impressionante ver a natureza gritando lindamente com a gente. É uma pretensão a gente se achar grande perto daquilo tudo.

Tereza é uma figura que exulta desejo pela vida e não se rende ao etarismo na distopia de "O Último Azul". O que esse perfil reativo dela simboliza na discussão que o filme abre sobre envelhecer?

Ela tem tesão. Não é passiva, nem pertence à mandada. Não é por estar velha que precisa parar. Estar velho não é um indício de que tudo em nossa vida acabou. Basta ver a nossa profissão: a Fernanda Montenegro tá aí, com 95, e segue atuando. No ofício do ator, o etarismo bate, pois existe o preconceito social, mas os papéis ainda aparecem, em especial agora que a população está mais velha em nosso país.

Você está feliz com o Brasil?

Não, porque enquanto não se investir na educação, nada anda, e ninguém parece estar preocupado com ela. Depois dos quatro anos de trevas que nós vivemos, o Brasil parece estar mais agressivo. O feminicídio aumentou e as pessoas estão mais violentas. O Brasil não é assim. Uma sociedade sem cultura, como dizia Aristóteles, acaba sendo moldada pelo obscurantismo.

Texto de monólogo que percorra a trajetória artística vitoriosa de Othon Bastos ganha edição em livro

Por Affonso Nunes

O livro com o texto da peça “Não Me Entrego, Não!”, de Flávio Marinho, chega às livrarias pela editora Cobogó, celebrando a trajetória de um dos grandes nomes da dramaturgia brasileira: Othon Bastos. Flávio e Othon participam da noite de autógrafos do livro nesta quarta-feira (19), às 19h, na Livraria Janela, no Shopping da Gávea — o mesmo local onde o Teatro Vanucci sedia a temporada de sucesso do espetáculo, em cartaz até domingo (23).

Aos 91 anos e com mais de sete décadas dedicadas à arte, Othon Bastos construiu uma carreira marcante no teatro, no cinema e na televisão. No cinema, eternizou personagens como Corisco, em “Deus e o Diabo na Terra do Sol” (1964), de Glauber Rocha, e o poderoso coronel Irapuan, em “O Grande Sertão” (1965), de Geraldo Santos Pereira. Também brilhou em filmes como “São Bernardo” (1972), “O Amuleto de Ogum” (1974) e “Abril Despedaçado” (2001). Na televisão, participou de novelas icônicas, como “Renascer” (1993), “O Rei do Gado” (1996),

Ganância e religiosidade na ótica de Suassuna

Montagem de ‘O Santo e a Porca’ tem apresentação única nesta quarta na Tijuca

Nesta quarta-feira (19) o Teatro Henriqueta Brieba, no Tijuca Tênis Clube, recebe, em apresentação única, uma nova montagem de “O Santo e a Porca”, clássico de Ariano Suassuna. A adaptação livre, assinada por Alyssa Zamboti, tem direção de Júlio Luz e

Ele não se entrega não

Divulgação



Othon Bastos em cena no espetáculo que lhe rendeu uma indicação ao Prêmio Shell na categoria de melhor ator

“Senhora do Destino” (2004) e “Velho Chico” (2016), além de atuar em diversas produções teatrais ao longo da vida.

Em “Não Me Entrego, Não!”, Othon entrega mais uma atuação primorosa e conduz o público pelos bastidores de algumas dessas obras, relembrando desafios, encontros e momentos cruciais de sua trajetória. Em cena, a peça incorpora uma figura simbólica — a

Memória —, que interage com o ator e resgata passagens emblemáticas. Com humor, emoção e reflexões sobre arte, política e vida, o espetáculo transforma lembranças em um poderoso testemunho sobre a cultura brasileira.

Aclamada pelo público e pela crítica, “Não Me Entrego, Não!” rendeu a Othon Bastos uma indicação ao Prêmio Shell de Melhor Ator e concorre ao prêmio APTR

em cinco categorias, incluindo dramaturgia e direção (Flávio Marinho), espetáculo e produção não-musical.

Num dos trechos da dramaturgia assinada por Flávio Marinho o veterano ator diz: “Artista, o teu nome já nasce na lista dos que vão sangrar de paixão e dor. É marca, é sina, não tem remissão. Vai cumprir missão até se esvaír com o teu sinal da cruz, tua dor de raiz. Criar é mais importante que ser feliz.”

Mas um das melhores passagens se dá quando Othon recorda o momento em que Glauber Rocha lhe convidara para o elenco de “Deus e o Diabo na Terra do Sol”:

“Othon (imitando Glauber Rocha): ‘Othon, vem comigo, preciso de você para fazer meu filme.’ Expliquei que não podia, que estava ensaiando uma peça. ‘Eu compro o teu passe!’ Como assim? E lá fomos para o teatro. Não é que ele convenceu a produção a me liberar por duas semanas por cem mil cruzeiros?”

“Memória”, pergunta Othon, “quanto vale cem mil cruzeiros hoje?”. “Trinta e seis reais e quarenta e cinco centavos”, ela responde. “E lá fui eu para o fim do mundo fazer ‘Deus e o Diabo na Terra do Sol’ por R\$ 36,45.”

Igor Saravia/Divulgação



A montagem explora a linguagem da farsa popular e da comédia de costumes, características de obra de Ariano Suassuna

conta com Igor Saraiva como diretor assistente.

A trama acompanha Euricão Árabe, um homem de posses e devoto de Santo Antônio, que esconde sua fortuna dentro de uma porca de madeira. A história se desenrola

entre enganos e reviravoltas, explorando temas como ganância, religiosidade e relações familiares. Com estrutura de farsa popular e comédia de costumes, bem ao gosto do autor, o texto de Suassuna ganha nova vida nesta montagem.

O elenco reúne Alyssa Zamboti, Amanda Villaverde, Cecília Marques, Eder Barreiros, JP Ferreira, Junior Alves e Lucas Honorato. A encenação destaca elementos visuais e sonoros do universo sertanejo, com figurinos e cenografia que remetem à cultura nordestina tão valorizada na obra de Suassuna.

Segundo o diretor Júlio Luz, a proposta é preservar a essência dramaturgica da obra, ao mesmo tempo em que a conecta ao público contemporâneo. “Nosso maior desafio foi manter a alma da peça de Suassuna, trazendo um olhar fresco e vibrante para essa comédia clássica. Buscamos resgatar o humor genuíno e a poesia do sertão, sem perder a dinâmica e a energia que o público espera”, explica.

SERVIÇO

O SANTO E A PORCA
Teatro Henriqueta Brieba (Tijuca Tênis Clube - Rua Conde de Bonfim, 451)
19/2, às 19h30 | Ingressos: R\$ 40 e R\$ 20

Por Cleo Guimarães (Folhapress)

A cadeira 7 da Academia Brasileira de Letras está vaga desde a morte de Cacá Diegues, na sexta-feira (14), em decorrência das complicações de uma cirurgia. Um fim de semana se passou e alguns nomes já vêm sendo apontados por outros imortais como prováveis candidatos à sucessão do cineasta.

Benquista na casa presidida por Merval Pereira, seu companheiro de Grupo Globo, a jornalista Miriam Leitão surge como uma possibilidade “muito interessante”, segundo um dos acadêmicos ouvidos pela reportagem.

Marido de Miriam, o cientista político Sérgio Abranches também tem bom trânsito na ABL, onde costuma dar palestras, e é outro nome a ser considerado. A expectativa entre os imortais é que um dos dois se candidate. Procurada pela reportagem para comentar, a jornalista não respondeu aos contatos.

Romancista, contista e ensaísta carioca, Alberto Mussa é um desejo antigo da Academia, e já declinou duas vezes do convite para tentar uma vaga. Ele continua sendo bem-vindo a ingressar na casa, que o considera um bom nome para tê-lo entre seus confrades.

Mussa diz que, caso volte a ser estimulado, “ficaria honrado” com mais essa lembrança, mas não tem interesse em fazer parte do grupo.

“Tenho muitos projetos, um filho de 11 anos que quero levar à escola, não tenho tempo nem roupa para frequentar a Academia”, diz, não sem ressaltar o seu apreço por vários acadêmicos. “Sou muito amigo de alguns deles”. Sobre sua não candidatura, Mussa toca em outro ponto: “Sou branco, hétero, de classe média alta. Creio que não acrescento nada em relação à questão da diversidade”, afirma.

A falta de diversidade é mesmo uma questão para a ABL. A instituição fundada por Machado de Assis em 1897 sofre



Fachada do Palácio Trianon, sede da Academia Brasileira de Letras

Imortalidade em disputa

Entre Miriam Leitão e Margareth Dalcolmo, conheça os possíveis candidatos à vaga de Cacá Diegues na ABL

críticas pela falta de representatividade e de pluralidade, com um grupo de imortais formado majoritariamente por homens brancos. Um influente integran-

te da casa diz que a instituição é sensível às questões sociais, mas não tem obrigação de cumprir cotas.

Uma mulher negra e com produção literária de respeito, no entanto, seria uma boa alternativa, afirma o acadêmico. Conceição Evaristo é elogiada por suas obras, mas está fora do jogo desde sua malfadada campanha em 2018, quando não bajulou ninguém e acabou sendo derrotada na disputa pela cadeira que pertencera ao cineasta Nelson Pereira dos Santos. Perdeu, de lavada, justamente para Cacá Diegues.

Apesar de a casa “não cumprir cotas”, Ana Maria Gonçalves - mulher, negra, e autora do best-seller “Um Defeito de Cor” - é citada por alguns imortais como

alguém que teria boas chances de ocupar a vaga.

Caetano Veloso, sonho dourado há anos, também volta a ser lembrado. É consenso entre os acadêmicos que uma candidatura do cantor seria muito bem-vinda, mas Caetano já recusou sondagens no passado. Ele disse que não conseguia se ver “lá dentro”, apesar de admirar a instituição. A sensação na ABL, segundo um de seus intelectuais, é a de um “amor unilateral”.

Quem se anima com a possibilidade de vir a disputar a vaga é a pneumologista Margareth Dalcolmo. Onipresente nos telejornais da Globo durante a pandemia do coronavírus, ela é viúva do acadêmico Candido Mendes (1928-2022), frequenta os eventos da instituição e conta

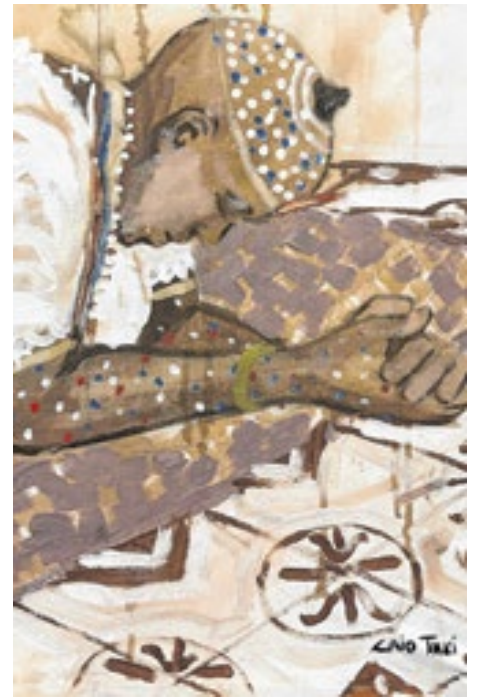
com a simpatia de grande parte dos imortais. “Fico muito honrada, como escritora, em ver meu nome cogitado à ABL”, diz à reportagem.

Ter pelo menos um livro publicado em português é uma condição para a candidatura ser validada.

Dois outros nomes são vistos com bons olhos pela Academia: o músico, compositor, ensaísta e professor José Miguel Wisnik, e o escritor, jornalista Sérgio Rodrigues. Wisnik não foi encontrado para falar sobre o assunto, e Rodrigues se diz lisonjeado por ser citado. “Mas não sou candidato”, afirma.

As inscrições para a candidatura à vaga de Cacá Diegues serão abertas em meados de março, e a eleição acontece em maio.

Fotos/Divulgação



Ancestralidade que reconecta **histórias silenciadas**



Artista plástico Caio Truci inaugura a exposição 'Onã Omin' na Casa de Cultura Laura Alvim

Por Affonso Nunes

O artista plástico Caio Truci apresenta a exposição "Onã Omin" – expressão iorubá que significa Caminho das Águas – na Casa de Cultura Laura Alvim. A mostra propõe um diálogo entre passado e presente ao retratar os orixás sob diferentes perspectivas, conectando a ancestralidade afrobrasileira ao mundo contemporâneo.

Mais do que um resgate estético, "Onã Omin" reflete a trajetória de um povo marcado pela opressão, mas cuja fé e religiosidade permaneceram como legado es-

sencial, uma ferramenta de resistência. As obras evocam figuras fundamentais na formação da sociedade brasileira no período pós-escravidão, destacando personalidades que dedicaram a vida ao culto dos orixás.

Para Caio Truci, ancestralidade não se resume à origem genealógica. "Ela se manifesta como uma semente plantada por gerações passadas e colhida pelos descendentes", define. Acrescenta que sua arte busca reconstruir uma identidade distorcida ao longo da história, resgatando narrativas silenciadas.



Em suas pinturas, Caio Truci leva o espectador à intimidade de sua fé. Seus trabalhos pretendem enaltecer um povo que, historicamente no Brasil e em outras partes do mundo, foi massacrado e escravizado

Com curadoria de Carlos Bertão, produção da EntreArte Consultoria e design expográfico de Alê Teixeira, a exposição fica em cartaz desta quarta-feira até 20 de abril.

Carioca, Caio Truci é arquiteto de formação, mas desde os 14 anos dedica-se às artes plásticas. Autodidata, aprimorou sua técnica ao longo dos anos, desenvolvendo um trabalho que transita entre desenho e pintura, sempre permeado por uma forte conexão com sua fé.

Seu trabalho enaltece a diáspora africana e suas resistências, dando voz a um povo historicamente oprimido.

SERVIÇO

ONÃ OMIN
Casa de Cultura Laura Alvim (Av. Vieira Souto, 176 - Ipanema)
De 18/2 a 20/4, de terça a domingo (13h às 22h)
Entrada franca